

## **A MORFOLOGIA DO *SUPER* NOS COMPÊNDIOS DE NORMAS**

Lara Prazeres Ribeiro Gomes (IFF)  
laraprazeres3@gmail.com

### **RESUMO**

Este artigo pretende sistematizar uma revisão de literatura acerca da morfologia do item lexical *super* nos principais compêndios de normas, entendidos, neste trabalho, como gramáticas e dicionários latinos e de língua portuguesa. Dessa forma, partindo de uma pesquisa bibliográfica, objetiva-se uma investigação que, de forma sucinta, dê conta das classificações próprias do termo com base no que é registrado pela norma-padrão. Como base teórica para a realização deste trabalho, utilizam-se as obras de Ernesto Faria (1958, 1967), Bruno Fregni Bassetto (2010), Wilton Cardoso e Celso Ferreira da Cunha, (1978), Xavier Fernandes (1947), Gladstone Chaves de Melo (1981), Napoleão Mendes de Almeida (1976), Zélia de Almeida Cardoso (2003), José Pereira da Silva (2010), Manoel Said Ali (1971) e Evanildo Bechara (2009).

**Palavras-chave:** Lexicologia. Morfologia histórica. *Super*.

*Cada palavra tem sua própria história*  
(Hugo Schuchardt)

### **1. Introdução**

Nos estudos gramaticais, a categorização de determinados itens lexicais é problemática, havendo divergência entre os diversos estudiosos do assunto. O vocábulo *super* é um desses exemplos, merecendo pesquisa mais aprofundada, já que sobre ele paira certa indefinição classificatória, ou seja, não há unanimidade em relação à classe ou às classes em que se encaixa, além de poder haver divergência entre uso e classificação.

Tendo isso em mente, o artigo busca fazer uma investigação da palavra *super* que dê conta de levantar, entender e reconhecer as classificações próprias desse termo. O objetivo é, por meio de uma revisão literária, traçar uma trajetória do desenvolvimento da palavra *super*, de forma a compreendê-la morfológica e historicamente, investigando o comportamento da palavra do latim ao português brasileiro moderno, para desenvolver uma reflexão sobre o assunto, compreendendo sua origem e analisando como ela foi classificada morfológicamente nos compêndios de normas.

Assim sendo, a análise da morfologia e da história do item lexical

será realizada partindo de uma pesquisa bibliográfica, reunindo dicionários e gramáticas de língua latina e portuguesa que possuam algum registro do termo *super*, para ver como ele foi e é registrado de acordo com a norma padrão.

A relevância do trabalho dá-se devido a língua ser um instrumento de comunicação vivo que recebe influência dos falantes e está em constante mudança. Dada a frequência do termo *super* no vocabulário das pessoas percebida pela autora do artigo e a ocorrência de maneiras diferentes de utilizá-lo na prática, é interessante conhecer sua história e suas classificações para ver quais usos são possíveis, reconhecidos pelos compêndios e válidos.

Sabendo que é muito comum encontrar, tanto na linguagem oral quanto escrita, ocorrências do *super* como advérbio, mas sabendo, também, que o termo não é classificado dessa forma por gramáticas e dicionários, o trabalho tenciona ir à origem da palavra para compreender sua história, na tentativa de apurar as utilizações da palavra e examinar se o emprego do *super* como advérbio é algo inovador ou se é uma herança de comportamento. Afinal, na história pode haver indícios de que determinada forma de empregar uma palavra é na realidade uma utilização tradicional e não um uso criativo e impróprio.

## **2. A história da palavra *super***

Com o intuito de conhecer melhor o objeto deste trabalho, fez-se um panorama histórico do item lexical *super*, do qual já é sabido possuir raízes latinas. Nos dicionários da língua portuguesa sua definição mais conhecida e utilizada é a de prefixo, havendo uma falta de olhares para outras utilizações possíveis e frequentes na língua. Procurando em dicionários latinos, a definição do vocábulo varia, abarcando preposição, advérbio e aparecendo justaposto a outros vocábulos como prefixo. Partindo desta discrepância, analisar-se-á melhor cada uma dessas classificações, por meio de uma revisão literária.

As palavras provenientes do latim que compõem nosso léxico chegaram até suas formas atuais por diversos processos – são emprésti-

mos<sup>10</sup>, palavras hereditárias<sup>11</sup>, de formação interna<sup>12</sup> ou vernácula<sup>13</sup> –, tendo sofrido metaplasmos ou não. De acordo com José Pereira da Silva (2010, p. 111), elas podem ser vocábulos populares, eruditos ou semieruditos. Os primeiros são as palavras que, ao chegarem à península, foram alteradas, sendo o resultado de mudanças ocorridas pelo falar do povo romano; os segundos são justamente aqueles que foram retirados intactos do latim clássico e resistiram ao falar do povo, tendo sido immortalizados em obras literárias por poetas, juristas e sacerdotes que tentavam se aproximar do estilo clássico-literário latino, são chamados também, por isso, de vocábulos literários; os últimos são os que entraram na língua após a grande transformação do latim vulgar e sofreram menos alterações que os vocábulos populares.

Há, pois, as palavras que participam de mais de um grupo de vocábulos, as chamadas alotrópicas. São termos que possuem a mesma origem no latim, mas que são grafadas de maneiras diferentes por que se bifurcaram e foram conduzidas por caminhos distintos no curso da história da língua. Xavier Fernandes (1947, p. 50 *apud* CARDOSO & CUNHA, 1978, p. 168) explica esse processo como se “fôrças diferentes atuassem numa palavra, obrigando-a a seguir rumos diversos, cada um dos quais operando nela a sua evolução e produzindo-se outras tantas novas formas”. Concordando com ele, outros autores trazem esse conceito como vocábulos que, no processo de formação de palavras, foram acolhidos divergentemente, possuindo um étimo em comum. (CARDOSO & CUNHA, 1978; FERNANDES, 1947; CÂMARA JR, 1998)

Quando os vocábulos latinos aparecem como dois ou mais vocábulos em português, eles são alotrópicos, portanto, provém – ou podem provir – de mais de uma corrente. Para Joaquim Matoso Câmara Jr. (1998), há três possibilidades: é possível que um tenha origem popular enquanto o outro, erudita ou semierudita; que sejam ambos de origem

---

<sup>10</sup> Palavras originadas em outros idiomas que são absorvidas (tomadas ou traduzidas) de outra comunidade linguística, seja ela da mesma língua histórica ou de línguas estrangeiras, pelos falantes de uma língua já formada e reconhecida posteriormente. (BECHARA, 2009, p. 351)

<sup>11</sup> Palavras que sobrevivem no decorrer do processo de formação de uma língua, frutos de relações de substrato, adstrato e superstrato.

<sup>12</sup> São as palavras formadas dentro de um idioma como termos primitivos, que não dependeram de influências externas ou de outras palavras para surgirem.

<sup>13</sup> “Prefixos latinos modificados ou aportuguesados”. (ALMEIDA, 1967, p. 353)

popular, diferindo quanto às zonas dialetais, ou seja, o local onde ocorreu a mudança; ou pode ser que um seja uma forma própria do Português e o outro ser fruto de empréstimo de outra língua românica. Já Xavier Fernandes (1947, p. 50 *apud* CARDOSO & CUNHA, 1978, p. 168) considera que

a origem do alotropismo encontra-se nas duas correntes, a popular e a erudita, isto é, no falar comum do povo e na linguagem culta dos literatos, sendo de notar que qualquer delas pode produzir, e produz, não poucas vezes a evolução fonética, morfológica e semântica dos vocábulos.

O *super* configura um vocábulo alotrópico porque ainda que existisse em latim grafado exatamente assim e seja falado ainda hoje no português da mesma maneira, há uma outra forma que coexiste com o *super* erudito, a preposição *sobre*, que compartilha com o prefixo a origem latina no advérbio *super*, porém, considerando o processo de formação dessa palavra como tendo sido dado após a grande transformação do latim vulgar, este outro vocábulo oriundo do *super* vêm a ser semierudito.

Feita essa contextualização, pode-se partir para a análise das várias faces do *super*, buscando estudar as classificações próprias do termo ao longo da história. Considerando que estas são as classificações que constam em gramáticas e dicionários de língua portuguesa e latim, não serão analisadas neste trabalho aquelas que configuram as derivações impróprias, ou seja, as ocorrências do termo *super* como outras classes morfológicas. Pode acontecer, na língua, de haver conversões e uma palavra que pertence a determinada classe, em uma situação específica mudar para outra. Com o *super*, evidenciam-se casos de aplicação do termo como substantivo ou como interjeição, mas, como não são reconhecidos pelos compêndios e por fazerem parte das classificações impróprias, não serão objeto desse estudo.

## **2.1. Prefixo**

Versar-se-á nesse tópico acerca do funcionamento do item lexical *super* como prefixo. Para isso, deve-se definir prefixação, que é uma das formas como funcionam afixos, os quais, por sua vez, são morfemas que podem aparecer no início de uma palavra – os prefixos – ou no fim de uma palavra – os sufixos. Como diz Napoleão Mendes de Almeida (1967, p. 353), conceitua-se prefixação por “o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de afixos, isto é, de

partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra”. Como o *super* se une à palavra base no início, ele configura um prefixo.

Segundo gramáticas históricas, prefixos são originalmente advérbios ou preposições, cuja utilização se dá ao antepor um afixo ao radical de uma palavra que não seja um verbo, caso seja, ganha o nome de pre-*vérbio* (COUTINHO, 1974). Essa definição de uso, contudo, não se aplica rigorosamente, já que consta em gramáticas como a de Evanildo Bechara (2009) afixos antepostos à base verbal como prefixos. Sua função é atribuir outra carga de significado, reforçar ou modificar uma palavra.

Dentro do idioma português, os prefixos podem ser vernáculos, latinos ou gregos. Os gregos são aqueles que possuem a origem na língua grega, mas a diferença maior se dá entre os latinos e os vernáculos por possuírem origem parecida na mesma língua. Aqueles são os prefixos latinos que foram retirados incólumes do Latim; estes são os que sofreram alterações ou foram portuguesesados. (ALMEIDA, 1967, p. 353)

Como o *super* é um termo alotrópico, já na lista de prefixos portugueses, aparece com a forma vernácula e a latina. A vernácula foi a que sofreu os metaplasmos que resultaram na estrutura *sobre* de *sobrepairar*, *sobretudo*, *sobreviver* e *sobrepôr*; a latina é o *super* de *supérfluo*, *superlotação* e *supermercado*.

Quanto à classificação, os prefixos podem ser populares ou eruditos, inexpléticos ou expletivos, separáveis ou inseparáveis. O *super*, enquanto prefixo da língua portuguesa, é erudito, já que provém da lista de prefixos latinos; inexplético, porque acrescenta uma ideia de intensidade ou superioridade à palavra a qual se une; inseparável, pois é dependente e não se separa da palavra a que se acopla. Pode designar “posição superior, excesso, intensidade” e estar unido a um verbo, como em *superfaturar*, *superproduzir*; a um substantivo, *superprodução*, *supercílio*; a adjetivos como no caso de *supersensível*.

Sob a ótica da origem ainda no latim, os prefixos podiam surgir seja de advérbios ou preposições. Pouco se fala sobre eles além disso e menos ainda sobre cada um especificamente. Paire, então, a questão: encontrando a forma *super* tanto entre os advérbios e preposições, de que classe o prefixo é oriundo? Tencionando sanar essa dúvida, buscar-se-á informações estudando as demais classes gramaticais.

## 2.2. Preposição

Para este tópico, será dado como compreendido pelo leitor o significado dos casos latinos e sua aplicação na língua latina. Em latim, o termo “super” era também utilizado como preposição. As preposições possuem a função de ligar dois termos quaisquer de uma frase, podendo, por exemplo, ligar um verbo a um substantivo ou um substantivo a outro. Ao fazer a relação entre uma palavra e outra, a preposição promove a explicação do primeiro termo relacionado a partir do segundo, completando seu sentido e fazendo especificações quanto a ele (CUNHA & CINTRA, p. 569). São elementos que não podem ser empregados isoladamente, já que possuem o caráter relacionante, assim como as conjunções. Bruno Fregni Bassetto (2010, p. 325) diz que, por isso, “é mais exato dizer que as preposições relacionam duas ideias e não duas palavras”.

Essas palavras invariáveis – pois não se flexionam em gênero ou número – acrescentam aos nomes aos quais se antepõem noções diversas, como de lugar, instrumento, meio, companhia, etc., “subordinando ao mesmo tempo o dito nome ou pronome a outro termo da mesma opção” (SACCONI, 2001 p. 302). Entre duas palavras, as preposições podem estabelecer relações diferentes, dependendo de qual seja empregada. Veja o caso das palavras “caixa” e “bolas”. Se a noção requerida for de conteúdo, a preposição *com*, colocada entre os dois termos nos permitiria saber que a caixa possui bolas (caixa com bolas); caso queiram denotar a finalidade da caixa, coloca-se a preposição *para* e saber-se-á que é uma caixa para bolas. Se houvesse a noção de lugar, a preposição *entre* daria conta de situar a caixa no espaço, dizendo “caixa entre bolas” seria sabido que a caixa se encontra no meio de bolas ou entre elas. Substituindo esta preposição por *sobre*, tem-se ainda a noção de lugar, mas não mais entre as bolas: em “caixa sobre bolas”, a preposição denota a relação de superioridade e passa a ideia de que a caixa se encontra acima, por cima das bolas.

Não se deve concluir, entretanto, que cada preposição irá estabelecer uma relação específica. A relação que uma preposição estabelece encontra seu sentido na frase. A preposição *sobre*, em outra construção frasal, pode estabelecer – como bem aponta Luiz Antônio Sacconi (2001) – outros sentidos como a noção de assunto em “falei sobre preposições”, na qual indica o objeto da fala, aquilo sobre o que se falou; de direção em “ir sobre o adversário”; de excesso em “sobre ser ignorante, era presunçoso”, nesse caso o sobre possui também significado de “além de” (ALMEIDA, 1976, p. 309). Celso Ferreira da Cunha e Luís Filipe Lindley

Cintra (2008, p. 591) acrescentam a noção de tempo em exemplos como “já era sobre o natal”, em que o *sobre* passa a noção de tempo aproximado, figurativamente, seria como dizer que a data está em cima do natal, ou seja, muito perto. As preposições são termos invariáveis quanto à forma, porém, quanto ao sentido, podem variar dentro da frase de acordo com a intenção que se deseja passar.

Na língua portuguesa, o termo *sobre* desempenha principalmente o papel de preposição, podendo também estar entre os prefixos, como visto anteriormente. Luiz Antônio Sacconi (2001, p. 302) coloca-o entre as preposições essenciais, ou seja, aquelas que sempre foram preposições, diferente das acidentais que só ganharam esse uso em certo estágio da língua; mas considerando que a língua é um instrumento vivo em constante transformação e que a portuguesa nasceu do Latim, é preciso considerar mais que a classificação que o *sobre* tem nas gramáticas de Português e ir até sua origem. Ao dizer que algo *sempre* foi determinada coisa, considera-se que ainda em sua origem já se podia classificar esse algo do jeito que é classificado atualmente, o que não caracteriza o caso do *sobre*. Em Português, sim: essa palavra sempre foi preposição, uma vez que tenha chegado ao idioma dessa maneira; porém, no Latim, possui origem e classificações diferentes.

As preposições latinas são majoritariamente antigos advérbios indeclináveis ou partículas independentes (FARIA, 1958; BASSETTO, 2010, SAID ALI, 1971). Ernesto Faria (1958, p. 255) diz que, a princípio, assumiam a função de enfatizar as expressões e/ou conferir mais clareza à sentença, já que, inicialmente, os casos exprimiam suas ideias sozinhos, suprindo a necessidade de preposicionar um termo, uma vez que estar em um caso específico era suficiente para se compreender o sentido da frase. Com o tempo, os casos deixaram de ser autossuficientes devido ao enfraquecimento de seus valores significativos, assim, pela a lei do maior esforço – conceito de Gramont explicado por Gladstone Chaves de Melo (1981, p. 194) o qual justifica qualquer desdobramento, reduplicação e diferenciação na língua com a necessidade de clareza – os falantes passaram a fazer uso de advérbios para especificar aquilo que desejavam enfatizar:

A necessidade de clareza e a expressividade enfática da língua falada é que teriam generalizado o emprego desses advérbios e partículas antes de determinados casos, uma vez que primitivamente esses mesmos casos eram bastantes para indicar as relações que depois elas passaram a exprimir. (FARIA, 1958, p. 263)

Então, o emprego desses advérbios e partículas tornou-se tão frequente e importante para a clareza das sentenças que se criou uma classe gramatical abarcando esses termos, a ela foi nomeado preposição. As preposições, destarte, foram utilizadas para garantir a clareza dos casos e também para precisarem a significação de um verbo, diferenciando-o de verbos de movimento ou não, ou de transitivos diretos e indiretos, quando um verbo podia ser aplicado de ambas as formas.

A preposição *super*, que originou a preposição *sobre*, possuía um duplo emprego em latim. Essa classe gramatical era dividida em três grupos: a) preposições usadas com o acusativo, dando noção de movimento; b) preposições usadas com o ablativo, sem dar noção de movimento; c) preposições usadas com acusativo e ablativo. O *super* estava entre as que podiam ser usadas tanto com acusativo como com ablativo. Ernesto Faria (1958) destaca dois trechos de obras do autor latino Cícero para exemplificar que, quando utilizada para o acusativo, a palavra *super* podia ou não dar a noção de movimento, mas estabelecia a relação de lugar como em *super aspirem adsidere* (sentar-se sobre uma serpente); quando utilizada com o ablativo, estabelecia a relação de assunto, como se percebe no trecho *super aliqua re scribere* (escrever a respeito de alguma coisa).

De *super* para *sobre*, a palavra sofreu alguns metaplasmos, ou seja, alterações fonéticas ocorridas durante sua evolução pelos falantes. As que se pode observar de acordo com os conceitos de Dolores Garcia Carvalho e Manoel Nascimento (1981) são:

- 1) Metátese – transposição de um fonema na mesma sílaba: **super** > **sobre** (o fonema /r/ se deslocou para antes do /e/);
- 2) Sonorização – modificação de uma consoante surda para uma homorgânica<sup>14</sup> sonora em uma posição intervocálica: **super** > **sobre** (passagem do /p/ para o /b/);
- 3) Vocalismo – mudança de uma vogal para outra: **super** > **sobre** (alteração do /u/ para /o/)

Uma das possíveis explicações para esse fenômeno é a lei do menor esforço ou economia fisiológica (MELO, 1981). Partindo do princípio de que tenha sido considerado mais fácil proferir uma consoante so-

---

<sup>14</sup> Um fonema homorgânico é aquele que possui o mesmo ponto de articulação em relação a outro fonema.



nora como o /b/ em vez de uma surda como o /p/ entre duas vogais, aconteceu em *super* que as cordas vocais, as quais vibraram para produzir as vogais, precisaram parar de vibrar para pronunciar o /p/, em *sobre* isso não acontece, já que o /b/ é igualmente sonoro, havendo a vibração. É importante ressaltar que alterações como essa não são uma decisão tomada por um grupo, mas um fenômeno que ocorre naturalmente e sem pretensões. Portanto, o motivo de ter havido as mudanças que resultaram no termo *sobre*, mas não ter acontecido o mesmo com o termo *super*, coexistente em nosso léxico, dá-se misteriosamente devido ao fato de um ser um vocábulo erudito e o outro não, no caso, não foi de interesse dos falantes modificar o vocábulo erudito e, sim, preservá-lo, mostrando que os episódios que envolvem a língua são arbitrários.

Não é possível situar no tempo o momento histórico de cada mudança e pô-las em ordem cronológica sem o apoio de registros. Os metaplasmos, conforme observados na atualidade, são capazes apenas de reconhecer quais alterações a palavra sofreu, mas não é possível sem documentos históricos específicos determinar qual metaplasmo aconteceu primeiro ou se ocorreram simultaneamente. Há, pois, registros da forma “subre” na gramática de Ismael de Lima Coutinho (1974), indicando que a vocalização ocorreu após os demais metaplasmos.

Como bem afirma Manoel Said Ali (1971) em concordância com Bruno Fregni Bassetto (2010), os pontos de concordância entre preposições e advérbios se dão devido a estes serem a forma primitiva daqueles. As preposições são usadas antes de substantivos e pronomes enquanto os advérbios acompanham verbos, adjetivos e advérbios. Sendo que preposições encontram origem nos advérbios, pretende-se agora aprofundar o conhecimento acerca desta classe.

### **2.3. Advérbio**

Em relação aos advérbios, o *super* possui uma trajetória mais complexa. O termo já esteve inserido nessa classe no momento de sua origem, mas foi retirado em algum ponto, o qual não se sabe especificar. O advérbio é uma categoria de palavras que, historicamente, colaborou muito com a língua, uma vez que, como visto anteriormente neste capítulo, tenha sido a fonte donde nasceram outras classes e expressões, vide o caso das preposições e dos prefixos. Bruno Fregni Bassetto (2001) já diz que certos adjetivos no nominativo, ablativo e acusativo ganharam valor advérbial no latim. Neste item, falar-se-á sobre essa classe invariável.

Servindo para modificar outros elementos da frase, o advérbio constitui uma classe morfológica que se justapõe principalmente aos verbos, denotando circunstâncias as quais podem variar bastante de acordo com o sentido da frase. Podem também alterar nomes, como é o caso daqueles que modificam adjetivos e outros advérbios. Napoleão Mendes de Almeida (1967, p. 80), inclusive, aponta o advérbio como sendo “toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio”. Sendo assim, não há uma lista exata e fechada de todos os advérbios, já que qualquer palavra, desde que seja capaz de modificar o verbo, o adjetivo ou o advérbio, atenderá ao critério básico e comportar-se-á como tal. Um exemplo disso é o que ocorre com a preposição *sobre* na seguinte frase: “Deitei-me nos melhores repousos dos maiores castelos dos mais ricos reis, mas nada se compara ao colo da moça, o qual outrora me debrucei sobre”. Isso acontece porque a unidade que seria introduzida pela preposição é reduzida, sobrando apenas a própria preposição, a qual não pode terminar frases. Fica então seu sentido como modificador do verbo.

Há autores como Evanildo Bechara (2009, p. 288) e Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 99) que consideram que o advérbio pode, também, modificar o substantivo em construções como “soube que ele é verdadeiramente poeta”, quando o substantivo aparece denotando a qualidade da substância e não a própria substância

Isso acontece porque essa classe é a mais heterogênea entre as demais, sendo esse o motivo que torna difícil a atribuição de uma classificação uniforme e coerente, de acordo com Evanildo Bechara (2009). Há advérbios que estão internamente vinculados pelos seus papéis semântico-sintáticos ao núcleo verbal e há os que estão ligados externamente. Os primeiros não são flexíveis quanto à posição dentro da oração; os segundos são. Por possuírem tamanha mobilidade, José Carlos de Azeredo (2011, p. 193) explica que alguns advérbios podem situar-se em qualquer lugar em relação ao termo que modifica, tal como antes do sujeito (frequentemente eu vou ao shopping); imediatamente após ao verbo (eu vou frequentemente ao shopping) ou no fim da frase (eu vou ao shopping frequentemente). Evanildo Bechara (2009), José Carlos de Azeredo (2011) e Joaquim Matoso Câmara Jr. (1998) concordam que é a mobilidade semântica e funcional aquilo que melhor caracteriza a classe dos advérbios. Certos advérbios podem modificar tanto apenas um termo quando toda uma oração.

A invariabilidade do advérbio vem de sua origem. Eles não flexionam em número, gênero ou pessoa – admitem a noção de grau em alguns casos (muitíssimo) – e isso é uma herança de comportamento, pois muitos deles “são simples formas casuais, fixadas em determinados casos, como que assim fossilizadas, e que passaram a ser usadas adverbialmente, destacando-se desta forma, do sistema da declinação”. (FARIA, 1958, p. 251)

Ainda sobre a origem, Bruno Fregni Bassetto (2010) introduz a ideia de que grande parte dos advérbios foram formados pelo próprio latim quando se conferiu a alguns adjetivos o valor adverbial – por valor adverbial, tem-se a característica de ser um elemento modificador e denotador de circunstâncias –, o que justifica a existência de traços semânticos comuns como a admissão de noção de grau; também diz que alguns são fruto da justaposição ou contração de preposições com nomes; outros são simplesmente advérbios próprios que as línguas românicas formaram. Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 97), corroborando com Bruno Fregni Bassetto (2010), escreve que “alguns advérbios latinos podem ser considerados como palavras primitivas, independentes”.

Tendo isso posto e aplicando essas informações ao estudo do termo *super*, algumas questões são levantadas. Para autores como Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva e Louis Marie Quicherat (2000), essa palavra também era um adjetivo<sup>15</sup>, se esse uso é anterior ou posterior à existência do *super* como advérbio ou preposição, não se pode concluir, mas isso abre possibilidade para encarar a trajetória da palavra como a) um adjetivo a que foi conferido valor adverbial; b) uma palavra primitiva e independente que surgiu na língua como advérbio.

Pressupõe-se que no latim o uso principal e/ou inicial do *super* fosse o adverbial por causa da ordem com a qual suas definições aparecem no dicionário. No Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1976, p. 966), encontra-se o termo primeiro como advérbio no sentido próprio como “em cima” e no sentido figurado como “a mais”, “além de”, “demais”, “lá em cima” e “de resto”; em seguida como preposição regente tanto de acusativo quanto ablativo, com os sentidos de “acima de”, “além de”, “durante”, “mais do que”, “a respeito de”, “por

---

<sup>15</sup> O adjetivo *super*, -era, -erum, assim destacado por Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva e Louis Marie Quicherat, é uma variação do adjetivo *superus*, -a, -um, reconhecido também por Ernesto Faria (ano). Possuem a mesma significação em formas alternativas.

meio de”. Essa definição permanece sem alterações em uma edição mais recente do dicionário, de 2003. Outros autores concordam com a colocação do *super* entre os advérbios, vide o já citado dicionário de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva e Louis Marie Quicherat (2000).

A colocação do *super* como advérbio é uma prova de que o uso adverbial do *super* não é um fenômeno moderno da língua oral, típico dos jovens ou do falar feminino, mas herança de uma estrutura clássica da língua escrita. Esse uso é ratificado pela utilização em obras como Eneida, de Vergílio (século I a.C.), em trechos como o do quinto livro *ille super talis effundit pectore voces* (verso 482), em que funciona como um advérbio de lugar com o sentido de “lançar em cima do peito”, conforme a definição do dicionário de Ernesto Faria (1967). Além dessa definição com o sentido de lugar, há outros versos que mostram o *super* expressando intensidade. Dois exemplos são o verso 462 de Eneida VII e o verso 330 de Eneida V. O primeiro, *saevit amor ferri et scelerata insania belli, ira super*, possui no trecho “ira super” a presença de um advérbio de intensidade modificando um substantivo; uma tradução possível, baseada em Ernesto Faria (1967), é “muita ira” ou “super ira”, defendendo o emprego do *super* na mesma classe e com a mesma função. Assim como o trecho anterior, o segundo, *super madefecerat herbas*, do verso 330 de Eneida V, emprega o item também com ideia de intensidade, dessa vez modificando o verbo “umedecer”, sendo traduzido como “umedecera muito (demais) as ervas” ou até mesmo “super umedecera as ervas”.

Dessa maneira, comprova-se que o *super* é um advérbio, seja essa sua utilização primeira ou não, mas é, já que até mesmo no início do primeiro milênio já era empregado assim. Embora, conforme indica Ernesto Faria (1967), seu sentido próprio seja de lugar e o figurado de intensidade, o qual é o uso mais recorrente na atualidade, a afirmação de Bruno Fregni Bassetto (2010, p. 231) de que “não raro palavras com outros significados passam a advérbios de intensidade” fortalece e legitima o emprego dessa palavra no sentido de “muito”, “demais”; um emprego que vem resistindo aos compêndios de normas, atestando o poder dos falantes e elencando a influência da história da palavra.

### 3. *Considerações finais*

Um fator importante a ser considerado durante do aprendizado da língua é a história das palavras. Trabalhar com o hoje, com o agora, e apenas isso priva e limita o conhecimento. Ao buscar auxílio na história

da palavra, muito se pode compreender sobre seu funcionamento, seu uso. Além de entender qual foi o caminho de um termo até ser utilizado do jeito que é hoje, esse tipo de pesquisa é capaz de sanar dúvidas e perceber as possíveis razões pelas quais os falantes fazem uma aplicação diferente de um termo. Nem sempre é um erro impensado, nem sempre é subversão.

Partindo da revisão literária para conhecer melhor a palavra *super*, chegou-se a conclusão de que, assim como no português, esse termo era também utilizado como prefixo na língua latina, logo, o prefixo latino *super* é o mesmo prefixo utilizado na língua portuguesa. Analisando, pois, a origem desse prefixo latino, tem-se que era utilizado como preposição, a mesma preposição que, embora tenha sofrido metaplasmos, permanece na língua portuguesa na mesma classe. Aprofundando o estudo da origem da palavra, a classe de advérbios também é destacada entre as utilizações do *super* na língua latina.

Verificou-se, então, que não é sem razão ou fundamento que os falantes do português moderno fazem o uso dessa palavra como um advérbio, assim como no latim, em que o termo podia ser empregado para intensificar, essa utilização permanece na língua, mesmo que sem ser reconhecida pelos compêndios de normas. O *super* como advérbio não é nenhuma invenção atual, não é um mero modismo adotado pelo falar feminino ou adolescente. É uma utilização tão válida quanto qualquer outra, basta olharmos para a clássica literatura de Vergílio.

O estudo histórico atrelado à observação do falar moderno, vendo as brechas entre norma, uso e história, é um dos passos necessários para o reconhecimento da palavra nessa classe, a que sempre pertenceu, podendo ser de serventia para a análise de outras tantas palavras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história interna das línguas românicas*, v. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jozon, 1998.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. *Português através de textos: estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

CUNHA, Celso Ferreira, CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino, 1967.

\_\_\_\_\_. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

FERNANDES, Xavier. *Questões de língua pátria*, vol. II. Lisboa, 1947.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 27. ed. São Paulo: Atual, 2001.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos; QUICHERAT, Louis Marie. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórias da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ingráfica, 2010.

VERGÍLIO. *Eneida*. Século I a.C. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/verg.html>>. Acesso em: 17-08-2016.